

ENTREVISTA MINISTRO JAQUES WAGNER

Visita Exposição Gripen – Esplanada dos Ministérios

Brasília, 10 de junho de 2015

Degração da íntegra da entrevista:

Repórter: A transferência de tecnologia para compra desse avião foi um dos principais fatores?

Ministro Jaques Wagner: Nesse caso aqui foi o principal fator porque o Brasil não quer ser um mero comprador de armamento. O Brasil quer ser também um produtor, um desenvolvedor de tecnologia. Esse equipamento aqui a gente já pode se orgulhar porque o painel dele é produzido por uma empresa brasileira, a AEL do Rio Grande do Sul, que tem uma parceria com tecnologia israelense e ele é o estado da arte, pelo menos dessa tecnologia embarcada. Para nós foi fundamental. Nós já estamos mandando agora em agosto 250 engenheiros para Suécia porque é preciso inclusive que as pessoas entendam que tudo que você faz na indústria de defesa, acaba transbordando para indústria comum. Então tudo que nós estamos aprendendo aqui de aviação vai servir, por exemplo, para Embraer para desenvolver outros equipamentos para aviação civil. Então ele é fundamental. Então efetivamente a variável preponderante é a variável de transferência de conhecimento e tecnologia.

Repórter: Ministro, como o senhor avalia, hoje é aniversário da Defesa, 16 anos, justamente o Gripen, um dos projetos estratégicos estar aqui exposto e levar essas informações para sociedade brasileira. Qual a avaliação sua?

Ministro Jaques Wagner: Primeiramente, quero parabenizar toda equipe da Força Aérea Brasileira que foi muito competente por no dia do aniversário do Ministério da Defesa, 16 anos, está mostrando um equipamento que eu sei que é a joia da coroa para todos que trabalham na FAB porque falar em FAB, você tem que falar em caça. E aqui você tem um caça de primeiríssima qualidade, com alta capacidade de combate, com muita tecnologia e que futuramente, inclusive, será produzido aqui em território nacional. Então eu creio que é um de nossos projetos, como você falou, estratégico, e é bom que ele esteja aqui para população ver. É óbvio que a gente quer esse equipamento e prefere que não tenha que usar no combate, mas se a gente não tiver equipamento no caso de haver um combate, aí a gente deixa o nosso Brasil totalmente desguarnecido. Então eu acho que é uma questão importante, é um esforço do governo brasileiro, em parceria do Ministério da Defesa e da FAB, mas que eu tenho absoluta certeza que vale muito a pena pela segurança nacional, pela soberania, e por aquilo que eu falei também. Aí você vai ter muita gente qualificada, vai ter muito desenvolvimento de tecnologia e quem ganha é o Brasil com isso.

Repórter: Ministro, que dia vai ser assinado o contrato de financiamento que até agora não saiu?

Ministro Jaques Wagner: O contrato comercial já está assinado. Nós estamos em uma última discussão, o famoso puxa-estica, do valor dos juros que estão cobrados no contrato. Houve o encontro do ministro da Fazenda com o ministro da Indústria da Suécia, na França, agora semana passada. Eu conversei com o ministro. Nós estamos intimando. O prazo ideal para nós é exatamente 24 de junho que é quando você vence o período pós-assinatura do contrato comercial. E nós estamos trabalhando, eu tenho conversado com a presidenta, é claro que o Brasil e todos procuram uma vantagem a mais, um custo um pouquinho menor, mas nós vamos bater o martelo e não tenho nenhuma preocupação com isso.

Repórter: Os juros que se quer finalizar, qual é o índice que está sendo discutido?

Ministro Jaques Wagner: Na verdade, a gente está discutindo. O contrato foi feito com o seguro das duas partes. Se subir eles bancam, se baixar, a gente banca. É obvio que quando ele foi discutido, os juros estavam em um patamar e agora estamos em outro. Então essa é a discussão, mas não acho que tenha nada muito obstatante. Não tem um número mágico para dizer “eu quero x”. O que está se tentando é ter um ganho a mais no contrato do financiamento, mas ele não tem nenhuma ameaça. A decisão nossa é de manter o contrato, fazer as compras do Gripen e transferência de tecnologia.

Repórter: O Levy não vai segurar o dinheiro?

Ministro Jaques Wagner: Não, nem ele pretende isso. Na verdade, ele está fazendo o papel dele. Ele é ministro da Fazenda e está olhando o que lhe cabe, e nós estamos olhando aquilo que é nosso. Mas a decisão foi uma decisão pessoal da presidenta Dilma. Ela recebeu aqui o presidente do Conselho de Administração da empresa, o senhor Valemborg, houve essa troca. Eu pretendo ir a Suécia. Então não há nenhuma ameaça de descontinuidade. Para os suecos é um grande negócio, para o Brasil é um grande negócio, e essa briga de ministro da Fazenda dos dois países é normal, mas, repito, quem assinou esse contrato e optou pelo Gripen foi a presidenta da república, e seguramente, isso é a garantia maior que a gente tem de não ter de descontinuidade.

Repórter: Briga de novo vai ter essa semana lá em Salvador por conta do PT.

Ministro Jaques Wagner: Não, lá não vai ter briga não. Vai ter encontro.

Repórter: O senhor acha que o Levy vai apanhar muito de novo lá?

Ministro Jaques Wagner: O partido tem uma característica que é extremamente salutar que é a sua pluralidade interna. E eu acho que ninguém pode pretender que um partido seja em ordem unida, soldadinho de chumbo. Todo mundo tem sua opinião e agora é importante que dentro dessa diversidade de opiniões tem alguém que comanda, que é a presidenta da República, tem o partido que discute e decide por maioria. E a decisão por maioria, eu não tenho dúvida nenhuma, é a de apostar que a gente está num caminho traçado pela presidenta Dilma. O Levy é um operador e uma decisão que a presidenta fez. É preciso entender isso. Ele é um operador. A decisão deste caminho é uma decisão dela. Então eu não vejo nenhuma hipótese de haver, obvio que debate vai ter, e ainda bem que tem debate. Eu digo sempre que a riqueza do PT é a nossa pluralidade e a inteligência para manter essa pluralidade é a unidade de ação. Decidiu dentro da democracia e decidiu quem tem que decidir, a gente caminha junto. É assim que qualquer instituição funciona.

Repórter: O senhor defende que a SRI [Secretaria de Relações Institucionais] volte pro PT, como defende o Mercadante... A era do PMDB...

Ministro Jaques Wagner: Eu fui daqueles que defendi que a gente compartilhasse as responsabilidades. Todo mundo sabe que ter, em um governo de coalizão, a estabilidade política é fundamental na relação com o Congresso, e o PT é o maior partido, e o PMDB é o

segundo maior partido. Eu acho que há inteligência dos dois partidos para saber que ninguém pode sentar na cadeira da SRI e querer trabalhar para o seu partido. Ele tem que trabalhar para uma coligação, para uma coalizão e principalmente, trabalhar para a presidenta da República. Então, o fato de ter lá alguém do PMDB, eu acho que é um dado positivo do compartilhamento. Agora, o PMDB na RSI ou o PT na SRI, sabe que não pode trabalhar só para o PMDB ou só para o PT. Tem que trabalhar para o conjunto partidário. Eu não vejo nenhum problema na manutenção do PMDB lá.

Repórter: A desoneração sai essa semana ou é coisa para semana que vem?

Ministro Jaques Wagner: Eu acho que ficou para semana que vem, mas ainda hoje pela manhã o vice-presidente Michel Temer tem algumas reuniões que tratam desse tema. Eu não acho que está tão distante mais. As pessoas estão compreendendo que a desoneração que foi feita o ano passado e ano retrasado, tiveram a grandeza de manter o nível de emprego que hoje avaliando o custo dessa desoneração tem um custo fiscal muito grande, e a gente, na verdade, não está terminando. Estamos readequando, mantendo a desoneração em um patamar...

Repórter: E pode abrir mais?

Ministro Jaques Wagner: Eu acho que não porque se abrir para um, todo mundo vem atrás.

Repórter: Ministro, o Brasil está enviando técnicos para Suécia, engenheiros, como o senhor avalia esse processo de transferência de tecnologia e a incorporação de novos saberes para indústria nacional?

Ministro Jaques Wagner: Eu acho que essa é uma questão fundamental. A gente já tem feito isso em outras aquisições. Nessa aquisição aqui, isso vai ser fundamental. Nós temos empresas nacionais, como a Embraer, a AEL, que são empresas nessa área de aviões extremamente competitivas a nível mundial, que usam tecnologia de ponta. Nós temos aqui um KC-390 que é uma criação brasileira que para esse tipo de equipamento é o estado da arte. Ele disputa bem e ganha, inclusive de similares americanos. Então eu acho que a gente tem orgulho daquilo feito. Foram, na verdade, visionários, no caso aqui, brigadeiros, gente que trabalhou na FAB, civis também evidentemente, que entenderam que a gente tinha de dominar essa tecnologia pela dimensão e pela grandeza do país. E hoje a gente está colhendo o fruto. É trinta, é vinte, é 40 anos depois, porque nada na indústria de defesa, na indústria, por exemplo, de aviões, é da noite para o dia. Assim como eu poderia citar o caso do submarino de propulsão nuclear que também foram visionários, no caso da Marinha, os almirantes que disseram “nós precisamos dominar”. Trinta anos depois, a gente está dominando o enriquecimento do urânio. Então eu acho que isso aqui é uma colheita de décadas de gerações de pessoas que disseram que nós somos capazes, vamos fazer, e estamos aqui colhendo esse fruto. Esses jovens que vão para Suécia seguramente quando voltarem, vão estar sendo objeto de desejo de muita indústria. Não só da indústria de defesa, mas na indústria como um todo.

Repórter: Como o senhor falou, os projetos de Defesa são de longo prazo e não podem parar?

Ministro Jaques Wagner: Então, o projeto é de longo prazo, por isso qualquer um, eu estive com o ministro da defesa da França, é claro que quando você fala de um projeto cujo curso é de 10, 15, 20 anos, é difícil você imaginar que durante esses 10, 15, 20 anos, você não vai ter nenhum obstáculo no caminho. O que eles não podem é ser descontinuados. Eu acho que essa é a palavra que nós adotamos na disputa que houve do orçamento já que nós estamos em um ano de restrição. É eventualmente diminuir velocidade, mas não descontinuar o projeto porque aí seria um prejuízo muito grande.

Repórter: Os cortes não vão fazer nenhum projeto ser descontinuado ou muito atrasado a ponto de prejudicar o seu funcionamento?

Ministro Jaques Wagner: Descontinuado não. Eu prefiro ficar na primeira assertiva: nada será descontinuado. E nós vamos ajustar a velocidade do curso em função da capacidade de pagamento. Aqui mesmo nós já fizéssemos a negociação com os suecos e conseguimos fazer um ajuste sem nenhum prejuízo para o projeto. Então eu acho que vai continuar e já está continuando.

Repórter: Foi essa que o senhor falou que foi feita lá na Suécia?

Ministro Jaques Wagner: Essa foi feita aqui entre a FAB. Nós negociamos já o desembolso do primeiro ano que seria um desembolso da ordem de R\$ 1 bi e nós estamos trabalhando hoje com um desembolso da ordem de R\$ 200 milhões, mas isso foi bem absorvido pelos suecos que vão distender os R\$ 800 milhões ao longo dos próximos anos e não houve nenhuma descontinuidade. Então, repare, essa operação é uma operação de dois países, de duas Forças Aéreas, e ela é boa para os dois lados. Então é evidente que cada lado está compreendendo a dificuldade que o outro tem e nós vamos seguir a diante.